



“O melhor e o mais púrpura é abdicar”: A estética da abdicção numa ode de
Ricardo Reis

“The best and most regal course is to abdicate”: The aesthetics of abdication in an ode by
Ricardo Reis

Fernando de Moraes Gebra¹

Resumo: O presente artigo centra-se na leitura do discurso ensaístico do fragmento “Estética da abdicção”, inserido em *O livro do desassossego*, em comparação com o poema “Não tenhas nada nas mãos”, de Ricardo Reis. Apresenta como objetivo encontrar os mecanismos de composição de uma estética da abdicção como parte de um ritual esotérico que se prolifera por vários poemas de Fernando Pessoa e Ricardo Reis.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Abdicção, Esoterismo; Ritual.

Abstract: The present article focuses on a reading of an essay discourse in the fragment “Aesthetics of abdication”, inserted in *The book of the disquiet*, in comparison with the poem “Do not have anything in the hands”, by Ricardo Reis. It intends to find the composition mechanisms of an aesthetic of abdication as part of an esoteric ritual that spreads for many of Fernando Pessoa’s and Ricardo Reis’s poems.

Key-words: Fernando Pessoa; Abdication; Esoteric; Ritual.

Introdução

Em ensaio escrito em 1973 e republicado no livro *Fernando Pessoa revisitado*, Eduardo Lourenço ao analisar poemas ocultistas de Pessoa, faz afirmações contundentes: “A poesia ocultista cobre o espaço inteiro da vida e da obra de Pessoa” (1981, p. 175); “Não há em toda a poesia de Fernando Pessoa *nada mais afirmativo* que a pulsão ocultista” (*idem*, p. 176, grifos do autor); “A visão ocultista permite a Pessoa integrar positivamente o obstáculo des-realizante por excelência, a Morte, [...] como transparência suprema e supremo repouso” (*idem*, p.177). A pulsão ocultista, por mais que seja abundante no discurso poético do ortônimo, também se faz presente, elaborada de distintas maneiras, na produção literária de outros heterônimos. Em carta de 19 de janeiro de 1915 a Armando Côrtes Rodrigues, Fernando Pessoa salienta que, por mais que os heterônimos se diferenciem entre si, em todos há uma preocupação com o mistério de existir: “Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis,

¹ Doutor na área de Letras (2009), pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Professor Adjunto II do curso de Letras e do Mestrado em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó-SC.

Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir” (1999, p.144). A leitura de outros textos de Pessoa, como as odes de Ricardo Reis, na edição de Manuela Parreira da Silva, e *O livro do desassossego*, na edição de Jerónimo Pizarro, fez com que eu me detivesse em um aspecto importante do ritual esotérico poetizado no discurso literário: a fase do desapego e transcendência, resultante da abdicação dos bens materiais e do próprio corpo.

Do desassossego da fragmentação ao regresso à unidade perdida.

N’*O livro do desassossego*, encontra-se um fragmento chamado “Estética da abdicação”. Como demonstrei ao longo desses anos dedicados aos estudos pessoanos, o ritual esotérico é poetizado por meio de mecanismos discursivos de actoralização, temporalização, espacialização e figurativização, isto é, a enunciação (o ato de produção do discurso) projeta no enunciado as categorias de pessoa, tempo e espaço e faz escolhas de figuras, relacionadas a símbolos herméticos presentes no discurso esotérico. No fragmento 99 de *O livro do desassossego* (edição de Jerónimo Pizarro), a abdicação como fase final de um ritual esotérico, tal como ocorre no *Cancioneiro*, traduz-se em linguagem, em um conjunto de procedimentos que configura uma estética.

Conformar-se é submeter-se e vencer é conformar-se, ser vencido. Por isso toda a vitória é uma grosseria. Os vencedores perdem sempre todas as qualidades de desalento com o presente que os levaram à luta que lhes deu a vitória. Ficam satisfeitos, e satisfeito só pode estar aquele que se conforma, que não tem a mentalidade do vencedor. Vence só quem nunca consegue. Só é forte quem desanima sempre. O melhor e o mais púrpura é abdicar. O império supremo é o do Imperador que abdica de toda a vida normal, dos outros homens, em quem o cuidado da supremacia não pesa como um fardo de joias (PESSOA, 2013, p.151).

O raciocínio silogístico apresenta como premissa maior “Conformar-se é submeter-se”, como premissa menor “Vencer é conformar-se, ser vencido”, implicando na conclusão que é a tese do fragmento “Vencer é submeter-se, ser vencido”. Por meio de afirmações introduzidas, em sua maioria, pelo verbo ser no presente do indicativo, o fragmento em análise pode ser considerado um texto ensaístico, pois se sustenta uma tese,

desenvolvem-se argumentos e procura-se uma síntese: “Conformar-se é submeter-se”, “vencer é conformar-se”, “toda vitória é uma grosseria”, “Só é forte quem desanima sempre”, “O melhor e o mais púrpura é abdicar”, “O império supremo é o do Imperador que abdica”. Essas afirmações podem ser consideradas aforismos, que costumam ser entendidos como sentenças curtas que exprimem máximas com sentido figurado e forma lacônica, ou ainda, uma “forma de contacto entre o filosófico e o literário” (PIRES, 2014).

A tese encontra-se na primeira sequência: “Conformar-se é submeter-se e vencer é conformar-se, ser vencido. Por isso toda vitória é uma grosseria”. Aparentemente paradoxal, por homologar o sintagma “vencer” a “ser vencido”, esse período apresenta a dedução de que “toda vitória é uma grosseria”, já que leva a um grau de satisfação. Os heróis pessoanos são sempre insatisfeitos, por isso são infelizes, e sempre motivados por uma “febre de além”, como se verifica na grande maioria dos poemas de *Mensagem*. O desenvolvimento da tese desenvolve as ideias da satisfação e da conformação. Há duas recorrências da palavra “satisfeito”, relacionado ao “que se conforma” e que, portanto, “não tem a mentalidade de vencedor”. Vencer implicaria em não conseguir, o que gera desalento, sensação que ao contrário do que parece ser, pode indicar força: “Só é forte quem desanima sempre”.

O fragmento “Estética da abdicação” faz parte da fase decadentista de Bernardo Soares, o que permite a compreensão dessa lógica da desistência “de toda a vida normal, dos outros homens”. Ao propor como ideal estético o do “Imperador que abdica de toda a vida normal, dos outros homens”, o enunciador entende a vitória como “um fardo de jóias”, uma fileira de conquistas, o que permite a compreensão dos poemas que compõem as *Quinas*, de *Mensagem*. Além de explicitar a abdicação como atitude necessária ao sujeito para ver-se livre do “fardo de joias”, o enunciador utiliza novamente o verbo “abdicar” relacionado ao púrpura da alquimia: “O melhor e o mais púrpura é abdicar”. Em estudo sobre a poesia de Álvaro de Campos, Yvette Centeno comenta que o púrpura representa a transmutação: “Lembremos que o púrpura é o equivalente da rubedo alquímica, última na fase de maturação e completude do eu)” (1988, p.66). Para a autora, “Assim põe, desde logo, as bases do que será a Estética da abdicação: ‘O melhor e o mais púrpura é abdicar’” (*ibidem*).

A alquimia é entendida por Centeno como conjunção e unificação de elementos opostos. A autora discorda de opiniões clássicas nos estudos pessoanos de João Gaspar Simões e Georg Rudolf Lind que homologam a o caminho alquímico do poeta com sua fragmentação heteronímica. Gaspar Simões entende o caminho alquímico como a metamorfose do eu em outros eus, os heterônimos. Seguindo a abordagem de Gaspar

Simões, Georg Rudolf Lind entende a alquimia como transmutação da própria personalidade do poeta, levando-o a “uma fusão muito original de ciências ocultas e poesia”. Ao contrário desses dois críticos, Centeno afirma que “[...] esse desdobramento representa uma fragmentação dolorosa, e que ainda em ‘Chuva Oblíqua’ ele pretendeu consciente e inconscientemente combater” (1976, p.83). A heteronímia foi, pois, um procedimento literário que o poeta encontrou para expressar a multiplicidade de sensações e a fragmentação dolorosa. O que se vê, sobretudo nos anos posteriores a 1932, é uma proliferação de poemas do ortônimo relacionados a uma estética da abdicação como possibilidade de reencontro da unidade perdida.

Na conclusão do fragmento “Estética da abdicação”, o enunciador sustenta que “O império supremo é do Imperador que abdica de toda a vida normal”. A vida normal refere-se aos bens materiais que são abandonados em poemas como “Abdicação”, de Fernando Pessoa, e “Não tenhas nada nas mãos”, de Ricardo Reis, enquanto o império supremo faz parte de um universo transcendental, em que o sujeito está livre do “fardo de joias”. Império supremo poetizado nas “malhas que o Império tece”, importante verso do poema “O menino da sua mãe”, que mostra como o sujeito é comandado por um poder extratemporal, isto é, Deus é o agente. A missão do sujeito (e principalmente do poeta-profeta) seria, portanto, a de interpretar os símbolos codificados pela esfera divina. Durante o ritual esotérico, no qual os símbolos são sentidos e interpretados, o sujeito precisa abrir mão dos bens materiais e do próprio corpo, transformar-se, ascender a um novo patamar de existência não mais apegado às fraquezas e paixões terrenas, como se verá pelo estudo analítico do poema “Não tenhas nada nas mãos”, de Ricardo Reis.

“Abdica e sê rei de ti próprio”: a abdicação na poética de Ricardo Reis

Em 19 de junho de 1914, Fernando Pessoa escreve uma das odes de Ricardo Reis, cujo primeiro verso intitula-se “Não tenhas nada nas mãos”. Na edição crítica de Manuela Parreira da Silva, encontram-se duas versões do mesmo poema. Segundo a responsável pela edição das *Poesias* de Ricardo Reis, “Esta é, aliás, uma prática comum em Fernando Pessoa – ‘guardar’ fragmentos para um reemprego futuro ou, até, utilizá-los em diferentes poemas” (SILVA, 2007, p.341). É o caso evidente do verso “Cadáver adiado que procria”, do poema Quinta/D.Sebastião (PESSOA, 1997,p.32), da secção das Quinas de *Mensagem*, que aparece também como “Cadáveres adiados que procriam”, em uma das odes de Ricardo Reis.

Conforme Carlos Reis, se por um lado a poesia do heterônimo Álvaro de Campos apresenta elementos que negam a função catártica da literatura, a poesia de Ricardo

Reis, como resposta aos excessos da modernidade do autor de “Ode triunfal” e “Ode marítima”, propõe, em seu turno, a função catártica da literatura alicerçada em filosofias clássicas, como o epicurismo e o estoicismo: “Ricardo Reis corresponde à necessidade de afirmar esse legado e surge, na constelação heteronímica pessoana, como alternativa radical à modernidade, tal como afirma Álvaro de Campos” (1990, p.199).

É comum encontrarmos em boa parte das odes de Ricardo Reis elementos mitológicos que alicerçam sua cosmovisão tributária do sensacionismo de Alberto Caeiro, mas reformulada em termos de um paganismo. Na poesia de Ricardo Reis, Cristo é apenas um deus entre deuses, o “deus que faltava”. Esse heterônimo reconhece a supremacia dos deuses sobre os destinos do ser humano, o que respalda sua estética de abdicação dos bens materiais e do próprio corpo, já que o tempo passa e a morte é implacável. Entretanto, essa visão estoicista alia-se a uma visão epicurista, de aproveitar o tempo, posto que irreversível, mas com cuidado para não causar inveja nos deuses. O poema “Não tenhas nada nas mãos” (REIS, 2007, p.58) faz parte daquelas odes repletas de deuses, que é anterior à fase em que o sujeito já interioriza a lição aprendida com os deuses, reformulada pela estética da abdicação.

Não tenhas nada nas mãos
Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem
Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos
Nada te cairá.

Que trono te querem dar
Que Átropos to não tire?

Que louros que não fanem
Nos arbítrios de Minos?

Que horas que te não tornem
Da estatura da sombra

Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada.

Colhe as flores mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio.

Como comentado anteriormente, o poema “Não tenhas nada nas mãos” apresenta duas versões, ambas com nove dísticos. Como se sabe, o número nove indica o encerramento de um ciclo e o início de outro. Toda iniciação implica em fazer morrer algo para o renascimento de uma nova vida, no plano da espiritualidade. Implica em abdicar dos bens materiais e até mesmo do próprio corpo para, despido das vestes que o encobrem, o sujeito possa perceber sua essência espiritual, como ocorre no poema “Ocidente”, de *Mensagem*, cuja figura mão que “afasta o véu” simboliza a “caminhada das trevas do desconhecido – ‘véu’ – à luz das descobertas que trata o poema” (CAMOCARDI, 1996, p.51).

A segunda versão do poema de Ricardo Reis apresenta algumas modificações importantes. Na primeira estrofe, no lugar de “Nem uma memória na alma” (REIS, 2007, p.58), aparece “Salvo uma memória na alma” (*idem*, p.300). A passagem do negativo “nem” para o restritivo “salvo” destaca a importância da memória da iniciação que deverá permanecer, isto é, o símbolo do depósito do “óbulo último” nas mãos já vazias, que abdicaram dos bens materiais, fazendo o sujeito encontrar a própria essência: “Tu serás só tu próprio”. Correlata à ideia da terceira estrofe (“Ao abrirem-te as mãos/ Nada te cairá”), aparece a quarta estrofe da segunda versão: “Não poderão roubar-te/ O que nunca tiveste” (*ibidem*). A passagem da temporalidade para a eternidade permite ao sujeito a conscientização de que nunca possuiu nada, pois que tudo é efêmero, passageiro, e os objetos e imagens do mundo sensível constituem apenas o sucedâneo enganador do mundo das verdades perfeitas.

Predomina em “Não tenhas nada nas mãos” a função conativa da linguagem, pois o enunciador dirige-se a um enunciatário, que aparece muitas vezes designado em outros poemas por Lídia, Marcenda e Cloé. A presença do enunciatário é marcada pelas seguintes figuras: “não tenhas”, “te” (seis recorrências), “serás”, “fores”, “colhe”, “larga”, “olhaste”, “senta-te”, “abdica”. O último verso “E sê rei de ti próprio” permite afirmar que

não se trata, como em outros poemas de Ricardo Reis, de um enunciatório feminino, uma das musas interlocutoras de seu discurso poético. Trata-se do próprio *alter ego* do sujeito. É a si mesmo que dirige a mensagem poética, ele é o sujeito manipulador e o sujeito do fazer, isto é, aquele que estabelece um crer (necessidade da abdicação) e aquele que terá que abdicar de tudo: “Não tenhas nada nas mãos/ Nem uma memória na alma”.

Como se trata de um poema centrado em um tu discursivo, abundam verbos no imperativo: “não tenhas”, “colhe”, “larga”, “senta”, “abdica” e “sê”. Além desse modo verbal, encontram-se verbos no presente do indicativo e no futuro do presente do indicativo, (tempos concomitantes à enunciação) e ao futuro do subjuntivo (tempo posterior à enunciação). O presente do indicativo, com recorrências em “querem”, “tire”, “fanem”, “tornem”, apresenta um aspecto de atemporalidade, pois representa a repetição das mesmas estruturas arquetípicas, relacionadas às entidades mitológicas que funcionam como destinadores sociais do sujeito: “Que Átropos to não tire?”, “Que louros que não fanem/ Nos arbítrios de Minos?”, “Que horas que te não tornem”. Átropos, Minos e Cronos funcionam como destinadores que privam o sujeito dos objetos “trono”, “louros” e “horas”.

Na segunda versão do poema, no lugar de “louros”, aparece a figura coroa, que representa superioridade, recompensa aos heróis, dignidade e realeza (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001, p. 291-2). A substituição de “louros” por “coroa” não parece ser gratuita. São conhecidas as preferências de Fernando Pessoa, sobretudo em sua fase decadentista-simbolista, por imagens relacionadas à realeza, como se nota no poema “Abdicação”: “[...] Eu sou um rei/ Que voluntariamente abandonei/ O meu trono de sonhos e cansaços” (PESSOA, 1995, p.215). Tanto o poeta, profeta do Quinto Império, o Supra-Camões da época da Revista *Águia*, como os reis e navegadores de *Mensagem* apresentam uma missão espiritual. Fernando Pessoa, ao escrever “meu livro à beira-mágoa” (PESSOA, 1997, p.77), e Padre Antônio Vieira, no “imenso espaço seu de meditar” (*idem*, p.76), são dignos dos louros, como os heróis de *Mensagem* o são da coroa. O Quinto Império seria o império espiritual e fraternal da língua portuguesa, com o cruzamento dos discursos político (rei) e literário (poeta). Além disso, há de se lembrar de que nos poemas que compõem o Brasão de *Mensagem*, a “Coroa” é dedicada a Nuno Álvares Pereira. É esse herói o Santo Condestável, que apresenta a vida ativa (o guerreiro que lutou contra os espanhóis na batalha de Aljubarrota, garantindo a soberania do reino de Portugal) e a vida contemplativa (a conversão do guerreiro em monge, que ergueu o Convento do Carmo em Lisboa e terminou sua vida em castidade e silêncio).

Ainda no aspecto concernente à temporalização do poema “Não tenhas nada nas mãos”, encontram-se verbos no futuro do presente, como “cairá” e “serás”, referentes à cosmovisão estoicista da certeza da chegada da morte. Já os verbos no futuro do subjuntivo, que indica um tempo posterior à enunciação, assim se apresentam: “quando te puserem”, “ao abrirem-te”, “quando fores”. A cosmovisão paganista de Ricardo Reis sustenta uma certeza no mundo espiritual, como fica patente nos verbos no futuro do presente do indicativo. “Quando te puserem” refere ao “óbulo último” e à crença mitológica da travessia no reino dos mortos. A mesma certeza ocorre com “ao abrirem-te as mãos/ Nada te cairá”, pois o poema sustenta a necessidade de abdicação dos bens materiais. Nada cairá das mãos, pois elas abdicaram de todos os bens materiais, encontrando-se, portanto, vazias. Já “quando fores” pode ser compreendido a partir da fluidez rítmica da sexta e da sétima estrofes

Os versos dessas estrofes apresentam-se encavalgados, isto é, a ideia de um verso prossegue no seguinte. O verso “Da estatura da sombra” relaciona-se ao “Que horas que te não tornem” e “Que serás quando fores/ Na noite e ao fim da estrada”. Assim, o enunciador tem consciência da efemeridade do tempo, pois as horas reduzirão o sujeito à “estatura da sombra”. As sombras simbolizam algo muito presente nas crenças primitivas estudadas por Otto Rank, isto é, homologa-se à alma do indivíduo: “Todos os folcloristas, unanimemente assinalam que os povos primitivos consideram a sombra como um equivalente da alma humana” (1939, p. 93). Tornar-se da estatura da própria sombra significa ser uma sombra, ser apenas a própria alma na travessia escura representada pela noite no fim da estrada, no fim da travessia empreendida pelo sujeito após o abandono dos bens materiais e do próprio corpo.

Há, no poema, três recorrências da palavra “mão”: “Não tenhas nada nas mãos”, “Nas mãos o óbulo último”, “Ao abrirem-te as mãos”, “Das mãos mal as olhaste”. A primeira e a quarta recorrências demonstram a necessidade de abdicar dos bens materiais, representado pela figura “flores”: “Colhe as flores mas larga-as”. Colher as flores para depois largá-las constituem duas ações no mesmo verso, demonstrando a rapidez do tempo que inexoravelmente conduzirá à morte, representada pelo “óbulo último”, pela “noite” e pelo “fim da estrada”. Enquanto a estrada representa a travessia do sujeito em direção a um mundo transcendental, a noite simboliza o tempo das germinações, a transição para a luz do dia, a preparação do vir a ser (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001, p.640).

As interrogações no poema poderiam representar certa resistência do enunciatário (que é o próprio eu) à necessária abdicação. As figuras “trono”, “louros” e “horas”

representam, respectivamente, o poder, o reconhecimento e a vida. É sabido, pelo discurso da ode, que o sujeito será privado do trono da realeza pelo deus Átropos, dos louros que fenecerão “nos arbítrios de Minos”, e da sua própria vida quando se tornar “da estatura da sombra”, isto é, um simulacro, apenas uma alma errante despida do corpo. Ora, diante da certeza inexorável da morte, figurada por trono, louros e horas, arrancados por Átropos, Minos e Cronos, só resta ao sujeito cultivar a sapiência e o prazer possíveis, colhendo as flores, mas largando-as, para não se apegar a nada e estar preparado para o ritual de travessia do rio quando lhe depuserem nas mãos vazias “o óbulo último”. Este objeto deverá ser entregue ao “barqueiro sombrio”, figura presente em outra ode de Ricardo Reis.

A abdicação conduz o sujeito das imagens sombrias (“da estatura da sombra”) e materiais (“trono”, “louros” e “coroa”) para as luminosas e transcendentais, como se vê em “Senta-te ao sol”. Sentar-se ao sol demonstra a proximidade do conhecimento, pois o sol representa fonte de luz e calor, responsável pelo processo de autoconhecimento do sujeito (*idem*, 2001, p. 836-7), permitindo-lhe ser “rei de ti próprio”, isto é, governar suas paixões materiais, reinar sobre elas e desenvolver a estética da abdicação para o ritual de passagem.

Considerações finais

A leitura de outros textos de Fernando Pessoa, como as odes de Ricardo Reis, fez com que eu me detivesse em um aspecto importante do ritual esotérico poetizado no discurso literário, a fase do desapego e transcendência, resultante da abdicação dos bens da realeza (ou bens materiais) e do próprio corpo. Meu ponto de partida foi a carta de 19 de janeiro de 1915 a Armando Côrtes Rodrigues, na qual Fernando Pessoa afirma que, por mais que se diferenciem entre si, os heterônimos apresentam algumas preocupações semelhantes, sobretudo com o “mistério de existir”. Cada heterônimo reelabora, à sua maneira, essas questões ontológicas e gnosiológicas, o que explica a abundância de textos em que se faz presente a estética da abdicação, tema central do presente artigo, em textos de Bernardo Soares e Ricardo Reis, para ficar em apenas um breve recorte dessa vasta constelação temática. A heteronímia foi um procedimento literário que o poeta encontrou para expressar a multiplicidade de sensações e a fragmentação dolorosa. A análise do poema “Não tenhas nada nas mãos”, do heterônimo Ricardo Reis e seu confronto com o fragmento em prosa “Estética da abdicação”, de Bernardo Soares, contido em *O livro do desassossego*, permite a compreensão de importantes aspectos esotéricos que enformam a poesia pessoana.

Bibliografia

CAMOCARDI, Elêusis. **Mensagem**: Mito, história, metáfora. São Paulo: Arte & Ciência, 1996.

CENTENO, Yvette K. Álvaro de Campos: A carroça de tudo pela estrada de nada. In: _____. **Fernando Pessoa**: Os Trezentos e Outros Ensaio, Lisboa, Editorial Presença, 1988, pp. 65-75.

_____. Fragmentação e totalidade em "Chuva Oblíqua". In: _____. *5 Aproximações*. Lisboa, Ed. Ática, 1976, pp. 71-92.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16ª ed. (Coord. Carlos Sussekind). Tradução Vera da Costa e Silva e outros. Rio de Janeiro: Ed José Olympio, 2001.

LOURENÇO, Eduardo. A existência mítica ou a porta aberta. In: _____. **Fernando Pessoa revisitado**: leitura estruturante do drama em gente. 2ª ed. Lisboa: Moraes, 1981. p.169-183.

PESSOA, Fernando. **Correspondência: 1905-1922**. (organização Manuela Parreira da Silva). São Paulo: Cia. Letras, 1999.

_____. **Mensagem – Poemas esotéricos**. Edição crítica de José Augusto Seabra. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA X, 1997. (Colección Archivos).

_____. **O livro do desassossego**. Edição de Jerónimo Pizarro. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013.

_____. **Poesias** (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luís de Montalvor). 15ª ed. Lisboa: Ática, 1995.

PIRES, Maria da Natividade: s.v. "Aforismo", **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 05-05-2014.

RANK, Otto. **O duplo**. Trad. Mary B. Lee. 2. ed. Rio de Janeiro: Alba, 1939.

REIS, Carlos (coord.). (coord.). Fernando Pessoa e o modernismo português: unidade e diversidade. In: _____. **Literatura portuguesa moderna e contemporânea**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990. (Textos de base, 6). p.182-206.

REIS, Ricardo. **Poesia**. (Edição de Manuela Parreira da Silva). 2ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. (Obras de Fernando Pessoa, 15).